

Mulher valente – O ataque da seita Nações Arianas deixou Victoria Keenan assustada, mas pronta para a luta.

Atacada pelos neonazistas, ela surpreendeu todos quando decidiu enfrentar a organização

Quem, se não eu?

Por CHARLES HIRSHBERG

O SOL HAVIA se posto por trás dos pinheiros em Hayden Lake, Idaho, encerrando um dia quase perfeito para Victoria Keenan, 42 anos, mãe de três filhos. Seu único filho homem, Jason, 19 anos, havia voltado para casa, depois de um estágio de seis meses em administração florestal no estado de Washington. Seguindo por uma estrada

FOTOGRAFADO POR JEFFREY AARONSON/NETWORK ASPEN

www.4tons.com.br

rural secundária nas montanhas de Idaho, não longe de casa, mãe e filho conversavam sobre o futuro do rapaz, enquanto o rádio do carro tocava *rock*. Administração florestal não era para ele, dizia Jason. Abrindo a carteira, exibiu o crachá de empregado e fingiu atirá-lo pela janela. Era uma brincadeira, mas a carteira acabou voando de suas mãos.

Victoria parou e fez o retorno. Jason saiu do carro e logo encontrou a carteira. Foi então que um retrocesso do motor do carro provocou um estampido que parecia um tiro.

O rapaz estava assustado quando pulou de volta no carro e fechou a porta.

– Mãe, sabe onde estamos? – perguntou, apontando adiante na estrada. – Bem no complexo.

Victoria já tinha ouvido falar do “complexo”. Nos últimos 25 anos, a propriedade de oito hectares funcionava como base da vergonhosa seita de supremacistas brancos denominada Nações Arianas. A maioria dos moradores da região tentava ignorar o local, mas o complexo não saía dos noticiários da noite. Ex-residentes dali haviam se envolvido em crimes de ódio racial, atentados com bombas e homicídios. Todos os domingos, Richard Butler, o octogenário líder dos “arianos”, fazia pregações em sua “capela”. Ao lado de um busto de Hitler, Butler bradava contra judeus e negros. “O ódio é nossa lei!”, gritava. “A vingança, nosso dever!”

Victoria Keenan pouco sabia sobre a organização naquela noite de 1º de

julho de 1998. Mas estava prestes a receber um curso relâmpago. E, por incrível que pareça, essa mãe de Idaho acabaria por dar combate aos arianos – e tomaria de assalto seu complexo.

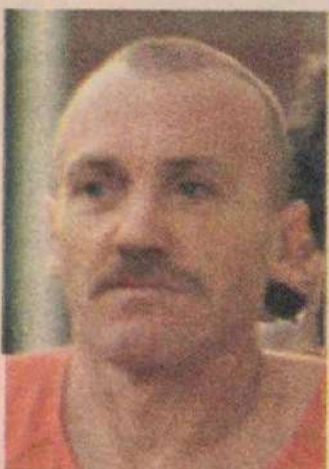
OS KEENANS jamais suspeitaram da comoção que tomara conta dos membros da seita, no alto da montanha. Um grito alertou o complexo de que alguém havia disparado contra eles. Jesse Warfield, espécie de chefe de segurança da seita, pulou para trás do volante de uma picape. Dois outros homens também saltaram no carro. Um deles, John Yeager, portava um rifle militar de fabricação chinesa. Dirigiram-se para os portões do complexo, em direção à estrada onde Victoria fazia o retorno.

Ela viu o outro carro pelo retrovisor e depois ouviu homens gritando que parasse. Não podia imaginar o que havia feito – mas pôde ver Yeager na picape com o rifle. Pisou fundo no acelerador. Então começaram os disparos, e o pequeno carro estremeceu sob o impacto de cinco balas. Um sexto tiro estourou um pneu traseiro e o carro caiu em uma vala.

– Adeus, mamãe – disse Jason, com lágrimas nos olhos. – Eu amo você.

– Não! – reagiu Victoria. – Nós vamos sair vivos daqui!

– Não se metam com os arianos! – urrou uma voz enquanto um braço agarrava os cabelos de Victoria pela janela aberta.



Discípulos do ódio – John Yeager (alto, à esquerda) e Jesse Warfield (embaixo) foram condenados pelo ataque. Richard Butler (acima) liderava a seita racista.

Ela se virou e viu Warfield, sem camisa, a cabeça rapada, e com uma arma na mão, disso se recorda bem.

– Vou matar vocês! – rugiu ele.

Yeager também berrava, imobilizando Jason no chão do carro. Convinco agora de que estava mesmo prestes a morrer, Victoria começou a recitar mentalmente o Salmo 23: “O Senhor é meu pastor...” Mas, entre os gritos de Warfield e os soluços do filho, as palavras lhe fugiram da mente. Pensou no pai, um ministro religioso: *Ele vai ficar furioso comigo por ter esquecido o Salmo 23.*

O homem continuava a perguntar se tinham armas. Victoria jurou que não, mas Warfield ainda estava possesso. Encarou-a com os olhos apertados – ela afirma que ele lhe

bateu no braço com a arma – e disse: – Você tem cara de índia.

Era verdade; os avós maternos de Victoria eram indígenas. Ela, no entanto, não iria contar isso a Warfield. Nesse instante, outro carro surgiu na estrada, e os arianos recuaram.

– Temos o seu número – Warfield sibilou, apontando para a chapa do carro de Victoria.

Em meio a saudações nazistas, os homens desapareceram.

De sua casa nas proximidades, um vizinho vira o ataque e, em pouco tempo, os homens do xerife haviam chegado ao local. Rick, marido de Victoria, também foi chamado por telefone. Contar o que acontecera era como reviver o pesadelo. Os policiais fizeram anotações e exami-

Durante anos, as pessoas que participavam da seita Nações Arianas **tendiam a se envolver em sérias confusões.**

naram o carro. Então um deles perguntou a Victoria – que vomitara ao ver a traseira de seu automóvel perfurada de balas – se desejava prestar queixa. A resposta veio rápida antes que tivesse tempo de pensar: “Não!”

Entretanto, nos dias seguintes, aquela atitude começou a atormentá-la. Por que não estava na delegacia examinando fotos de criminosos e prestando depoimento? Jason poderia ter sido morto – e ela também.

AS SEMANAS seguintes foram de tortura. Jason, um rapaz cheio de vida, tornou-se taciturno e irritável. Contou à mãe que se sentira humilhado por não a ter protegido. Victoria sentiu o sangue ferver. Decidiu dar queixa. Ao ligar para o escritório do xerife, pediram-lhe que fosse até lá examinar fotos de criminosos.

Nesse meio tempo, Victoria se informou sobre a seita Nações Arianas. Ex-moradores do complexo tendiam a se envolver em sérias confusões. Por exemplo: David Lane, que tinha vivido ali, cumpria agora pena de 150 anos de prisão, por sua participação no assassinato de Alan Berg, apresentador de TV judeu. E um ex-guarda de segurança, Eldon Cutler, fora pre-

so em 1986 como mandante em uma tentativa de homicídio em Idaho. Victoria confessou à polícia que se sentia insegura em dar queixa. “Eu morava a apenas 30 quilômetros deles”, explica, “e tinham o número da placa do meu carro.”

E OS ARIANOS não eram a única preocupação de Victoria. Sua sogra, Jean Wallace, estava morrendo de câncer de pulmão. Algumas vezes por semana, Victoria ia à casa de Jean para cozinhar, limpar e cuidar dela. As visitas haviam aproximado as duas. Victoria respeitava o discernimento da sogra e foi se aconselhar com ela.

– Como é que você vai se sentir – perguntou a sogra –, se ler nos jornais que eles mataram outra pessoa?

Victoria soube que tinha de lutar.

Encontrou um advogado com a ajuda de um grupo de direitos humanos formado por residentes de Idaho determinados a enfrentar os supremacistas brancos. O advogado Norm Gissel acompanhou-a ao escritório do xerife, onde ela identificou Yeager e Warfield pelas fotos. Embora contestando grande parte dos fatos, os dois acabaram por se declarar culpados de lesão corporal qualificada e foram sentenciados à prisão. Enquanto isso, o advogado de Victo-



© AP/WIDE WORLD PHOTOS

Não permita que o calem – Jason e Victoria no julgamento, em 2000.

ria contatou o Centro Sulista de Assistência Legal aos Carentes, organização dedicada a lutar nos tribunais contra grupos que fomentam o ódio.

Morris Dees, o diretor da entidade, explicou a Victoria que ela poderia processar a Nações Arianas e seu líder, Richard Butler, que havia usado sua propriedade como local de treinamento de criminosos racistas. Se ela conseguisse uma condenação judicial – digamos, uma indenização de alguns milhões de dólares –, poderia levar os arianos à falência.

Victoria entrou com a ação civil em janeiro de 1999. Se antes tinha motivos para temer alguma represália, agora com muito mais razão. Durante o verão, um ex-segurança dos arianos, Buford R. Furrow Jr., foi preso pelo homicídio de um fun-

cionário dos correios e por haver atacado uma creche judaica em Los Angeles, onde ferira várias crianças. Comentário de Butler sobre as façanhas de seu discípulo: “Não sou favorável a atacar crianças, mas não consigo sentir revolta pelos ferimentos causados em alguns de meus inimigos, mesmo que sejam crianças.”

Em sonhos, Victoria era assombrada pelo rosto de Warfield e despertava aos gritos. Ruídos altos deixavam-na à beira do pânico.

O julgamento começou em 28 de agosto de 2000 e durou oito dias. Victoria permaneceu quase todo o tempo sentada, com lágrimas nos olhos. Por fim, no banco das testemunhas, ficou cara a cara com Butler. Tentou encher-se de coragem e pensou: *Sou descendente de índios guerreiros*. Encarou

Butler e contou o que havia acontecido naquele dia. “Eu sabia”, diz ela, “que era o que devia fazer.”

EM FEVEREIRO de 2001, Victoria retornou ao complexo da Nações Arianas. Acompanhada do marido, dos advogados e de amigos, passou por uma placa que dizia “Entrada permitida somente a brancos”. Atrás da capela de Butler havia um gramado onde a seita praticava a queima de cruzes. Uma imensa suástica decorava o telhado de uma das construções.

O complexo agora lhe pertencia. Um júri havia condenado Butler e seus seguidores a pagarem aos Keenans 6,3 milhões de dólares como indenização. Butler e os arianos nunca defenderam o ataque; em vez disso, argumentaram que estavam sendo acusados por suas crenças impopulares. O júri não se comoveu.

Victoria vagueava pelo complexo, atônita. Tudo parecia coberto com símbolos nazistas e *slogans* de ódio como “Destruam o judaísmo!” e “Hitler tinha razão!”. O que mais a chocou foi a capela: “Ele pregava o ódio em nome de Deus”, revolta-se ela.

Victoria nunca teve a intenção de ficar com o complexo. Embora a ação judicial tenha forçado a falência de Butler, ela não vai ver muito dinheiro

– a propriedade era o único bem do grupo. Assim, vendeu o complexo por 250 mil dólares a Greg Carr, filantropo de Idaho. Depois de pagar as despesas com o processo, os Keenans acabaram ficando com metade dessa quantia. Carr pretende que a propriedade faça parte de um centro de direitos humanos que planeja construir.

NA VERSÃO cinematográfica da história, Victoria Keenan teria encontrado a paz da desforra após haver conseguido a falência da seita. Mas a vida real raramente segue um roteiro. Victoria acha que os arianos ainda representam perigo para ela e sua família. Não faz muito tempo, um homem usando um boné dos arianos seguiu Victoria e o marido no estacionamento de um supermercado. Seria uma ameaça ou mera coincidência?

Cansados de tamanha insegurança, os Keenans decidiram deixar a cidade e recomeçar a vida em outra parte. “Adoro este lugar”, revela Victoria. “Mas me sinto assustada. Tento me convencer de que não estou fugindo. No entanto, preciso dar uma vida melhor à minha família. Não podemos viver desconfiando de tudo.”

Richard Butler também está recomeçando. Em algum lugar de Idaho, ele voltou a pregar aos domingos...

RESPOSTA CONVICTA



- Tem certeza de que não colocou as botas nos pés errados? – perguntou minha irmã ao filho de 4 anos.
 – Claro – disse Marc-Antoine, cheio de convicção.
 – Estes são os únicos pés que eu tenho.

–CHANTAL AVON, *Canadá*